

P A N O

O lobo de Wall Street (The Wolf of Wall Street, 2013), de Martin Scorsese.

I mean the shit is fucking ridiculous.
Kanye West

Três exemplos de reciclagem:

1) a inventiva (Brisseau na equação: *They Live by Night* + *Gun Crazy* + *Cattle Queen of Montana* + filmados por Godard ou Moullet + não deixar de ser um exemplo perfeito do cinema do cineasta = *Savates du bon Dieu*);

2) a reiterativa (*Goodfellas* em Las Vegas = *Cassino*);

3) a mórbida (Van Sant filmando *Psicose*, mostrando como é possível emular quadro por quadro sem capacidade alguma de chegar na essência do que está se pretendendo).

A primeira é a “depalmiana” por excelência, imprimindo ao conceito o que há de mais original: um novo ciclo. E por “novo” que se entenda também o conceito mais essencial da palavra, coisa que a reiterativa não consegue dominar, sendo uma embalagem de algo já visto em roupagem, jogo e brinquedos diferentes. O que não ex-

clui a possibilidade de ser eficiente nessa proposta (exemplos de encaixes perfeitos não faltam, o próprio Scorsese já conseguiu), o real problema se encontra em usar as mesmas engrenagens para retroceder algo de caráter genealógico, destituindo a “imagem original” de qualquer invenção precedente, dissipando caminho algum para além de um imenso nada. Cada uma dessas três reciclagens ao menos engendra um sentimento, seja amor ou ódio.

O problema d’*O lobo de Wall Street* é justamente conter quantidades tão mínimas de cada uma (ainda que profusas das duas últimas), em escalas tão pequenas, que nenhum desses dois extremos são captados. E inerente a tudo algo das coisas mais perniciosas que um filme pode sofrer: a indiferença. Tornando a obra tão descartável quanto o efeito das drogas de Di Caprio no filme (quase nas mesmas sensações: formigamento, baba e amnésia). Ao menos em *Ilha do medo* existia o risco (que o levam para os resultados catastróficos), algo respeitável. Scorsese precisando de aulas urgentes com De Palma, alguém que consegue se apropriar e reapropriar constantemente de tantos elementos que chega em *Passion* fazendo um filme de Brian De Palma sobre filmes de Brian De Palma, e como o gênio que é: conseguindo ir além de Brian De Palma. Em *Passion* existe a entrega total para a segunda reciclagem em busca da

R A M A

primeira, enquanto que *O lobo de Wall Street* hesita ao longo de três horas em qualquer uma dessas opções. Não só cansa como possui a capacidade de extrair a possibilidade de qualquer contato com a obra. Não se vê um filme chamado *The Wolf of Wall Street*, vê-se (já visto, e em duas condições melhores) outro filme, de título mais preciso: *Goodfellas* na bolsa de valores de NY.

Um filme oco.

MATHEUS KERNISKI

LEONARDO DICAPRIO

A MARTIN SCORSESE PICTURE

THE WOLF OF WALL STREET

